



PODER JUDICIÁRIO  
JUSTIÇA DO TRABALHO  
TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 15ª REGIÃO

**REVISTA DO TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO  
DA 15ª REGIÃO  
CAMPINAS/SP**

Direção e coordenação da Escola Judicial  
Repositório Oficial de Jurisprudência

EDIÇÃO COMEMORATIVA

## QUANDO AS COISAS SÃO UM POUCO MAIS COMPLICADAS DO QUE PARECEM

Firmino Alves Lima\*

Em janeiro de 2010, quando eu era titular da 1ª Vara de Piracicaba, verifiquei na pauta do dia seguinte uma ação relativamente simples: um pedido de horas extras de um trabalhador rural que alegava trabalhar em uma fazenda, na qual tinha que cortar grama, e pelo volume de trabalho, realizava muitas horas extras, veementemente contestadas pela defesa. Como sempre fiz, li os autos com atenção antes da audiência, mas nunca imaginaria a situação em que iria me encontrar. Era um processo corriqueiro, como tantos outros.

Iniciada a audiência, sem qualquer possibilidade de conciliação, o reclamante afirmou que trabalhava uma jornada extensa, realizando diversas atividades de conservação e de manutenção da propriedade rural. O depoimento pessoal do preposto confirmou a jornada alegada em defesa, negando a jornada extraordinária. As testemunhas sustentaram as posições de quem os levou a juízo, algo infelizmente comum nos nossos dias.

O Reclamante ouviu uma testemunha como informante (seu irmão) e uma testemunha que não trabalhava no local, ambas apontando a necessidade de realização de uma jornada estendida para dar conta de tanto trabalho em função do extenso tamanho da área a ser cuidada.

A fazenda conduziu duas testemunhas que trabalhavam no local indicado e negaram tudo, inclusive a primeira testemunha dando um certo ar de deboche ao falar que o pomar tinha “meia dúzia de pés de laranja”. Também divergiram as testemunhas ao afirmar sobre a necessidade de limpeza de uma área próxima a um laboratório de pecuária que existia na propriedade.

É aquela situação que desafia o magistrado condutor da audiência, pois sequer conseguem convergir sobre o tamanho da propriedade e suas características. Somente restou a mim, como julgador, fazer uma coisa: uma diligência pessoal para conhecer a Fazenda Araquá, situada no Município de Charqueada. Destaco que sempre adotei este costume para algumas situações delicadas e que entendo que meus

---

\* Juiz do Trabalho titular da 2ª VT de Sorocaba, do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região.

olhos são as melhores testemunhas que posso confiar, sempre acompanhado de máquina fotográfica e realizando um relatório da minha visita. Determinei a visita na própria audiência e autorizei o comparecimento das partes e advogados, tendo eu ido acompanhado da Oficial de Justiça da minha unidade.

E fui até a fazenda, muito bonita por sinal, de onde se avistava a serra, em formato de *cuesta*, que circunda a região de Piracicaba e Rio Claro. Tinha uma sede com uma casa com piscina, realmente deslumbrante, com algumas casas perto.

A primeira verdade emergiu claramente: era uma área extremamente ampla, na sua imensa maioria com um extenso gramado, cercado por cercas vivas e algumas árvores plantadas em diversos locais, fazendo-o um local bem amplo e agradável, com muitas sombras. De fato, o que foi narrado pelas testemunhas do queixoso estava sendo confirmado, e o tamanho da área residencial da fazenda passava muito além da “meia dúzia de pés de laranja”.

Mas havia ainda a necessidade de avaliar a área do laboratório, e foi aí que a coisa “pegou”. Essa construção ficava a cerca de 300 metros da sede, que era toda cercada por cerca viva alta (o que derrubava também o depoimento da 2ª testemunha da reclamada, que disse ver do pasto o reclamante trabalhar na área da casa). Fomos a pé até o laboratório, era muito perto para pegar o carro.

Esse foi nosso problema!

Poucos metros após passar pela cerca da casa maior da fazenda e do caseiro, encontramos em um cercado um bezerro mugindo como se estivesse chorando, voltando para a mangueira onde estavam os outros animais. Um dos funcionários da fazenda me disse que aquele bezerro havia sido desmamado no dia anterior, e aí me veio a pergunta: onde será que está a mãe do pobre animal, ali chorando a sua falta?

Este é um ponto intrigante, pois para se atingir o laboratório poderíamos ir por uma estrada de terra (o que somente descobri depois), mas o administrador (preposto) nos levou até o local a ser inspecionado nos fazendo passar por dentro da mangueira, junto aos animais, um ato de tremenda irresponsabilidade.

Isto porque a vaca, que teve seu filhote desmamado no dia anterior, estava dentro da mangueira. Não é preciso conhecer muita coisa em termos rurais para imaginar o desespero da mãe ouvindo o choro do bezerro, a cerca de 200 metros de distância, e seu estado de nervosismo. Nossa caravana de inspeção tinha cerca de oito pessoas. Ao abrimos o

portão do local, onde estava boa parte do gado, adentramos a área e logo demos de cara com a vaca nervosa, e daí em diante nosso relacionamento não foi dos melhores.

Eu tomei a frente do grupo e fui andando para o outro portão, que nos levaria ao laboratório, mas a vaca nervosa veio para o nosso lado. Inicialmente, ela nos olhava com uma cara de poucos amigos e bufando muito, tinha um ar assustador. Os dois funcionários da propriedade se afastaram e não disseram nada. Ficamos nós cinco (eu, a oficial de justiça, as duas advogadas e o reclamante) defronte ao bovino com cara de poucos amigos.

Eu nunca gostei de animais e também não tenho grande experiência rural, a não ser as férias que passava na fazenda dos meus avós, mas sequer gostava de mexer com cavalos, ainda mais com uma vaca furiosa! Nunca tive qualquer inspiração para a tauromaquia, ou qualquer coisa assemelhada, mas ali, todo o conhecimento que pudesse alcançar seria fundamental. Todos nós do grupo ficamos assustados, mas eu tive que tentar tomar o controle da situação e me posicionei à frente de todos, especialmente das mulheres: pelo menos poderia tentar atrapalhar qualquer investida com minhas sete arrobas de peso, apesar de que, naquele tempo, jogava bola toda semana e estava com a corrida em dia. Por alguns instantes fiquei olhando a vaca e ela me olhando: eu disse a todos, ninguém se mexa, muito menos tentem correr!

A vaca olhou bastante, bufou bastante, mas recuou, virou-se e afastou-se pouco de nós, por um instante tivemos um certo alívio. Mas foi por pouco tempo. De repente ela se virou para nós, começou a bufar muito mais forte e começou a bater uma das patas dianteiras no chão: era o sinal que iria nos atacar, parecia coisa de desenho animado. Disse a todo mundo atrás de mim: vão indo um a um para a cerca, rápido, porém sem correr, andando meio de lado, com calma mas firmemente, eu fico aqui e atraio a atenção dela para mim. E a vaca bufando e balançando a cabeça, nos avisava que iria atacar, era iminente. Eu parei e fiquei olhando-a firmemente, garantindo que pelo menos alguns metros de corrida eu ainda poderia escapar do ataque, depois não sei o que aconteceria. Mas com isso desviaria a atenção da vaca sobre os demais que teriam chance de escapar para o lado diverso do que eu correria.

Por alguns instantes ficamos naquele duelo desigual separados por cerca de alguns metros, a vaca com seus chifres mirando furiosa e eu, ali, sozinho, contando tão somente com minhas pernas trêmulas, me lembrando daqueles toureiros portugueses que fazem uma fila para pegar o touro a unha. Não tinha esta intenção, mas apenas correr para desviar a atenção do bovino que parecia uma panela de pressão, bufando para tudo quanto era lado.

Graças a Deus todo mundo foi para a cerca com segurança e, quando todo mundo estava seguro, era minha vez de fugir do local. Fui andando até a cerca sem tirar o olho da vaca que veio se aproximando, e quando parecia que ia começar a correr para minha direção, passei por dentro da cerca sabe Deus como. Os dois funcionários da fazenda fora da mangueira esboçaram um leve sorriso, dando a impressão que aquele inusitado encontro foi, de algum modo, programado. Depois de baixar a adrenalina, fizemos o resto da inspeção, que teve que ser mais rápida por conta de algumas chuvas com raios que começavam a chegar ao local totalmente descampado e com algumas árvores. Fomos para o carro e partimos. Na saída da fazenda encontramos uma perua da Guarda Municipal de Charqueada na porta da fazenda, sem mostrar qualquer motivo aparente para estar lá. Achei muito estranho.

Concluindo a visita, extraí as seguintes conclusões no meu relatório, acompanhado de várias fotografias:

- a) a área a ser cuidada por um jardineiro na casa da sede é considerável, exigindo um trabalho intenso, não somente para o corte da grama, como para outras providências de conservação da casa, como árvores, rastelagem, limpeza e recolhimento de folhas;
- b) o local onde o Reclamante executava suas atividades era bastante cercado, de difícil visualização pelo lado externo, sendo de difícil credibilidade o depoimento prestado pela 2ª testemunha da Reclamada, diante da impossibilidade de visualização da casa, por parte da área do gado, ainda que bem próxima;
- c) a área de árvores é bem maior que “meia dúzia de pés de laranja”, com muita vegetação de grande porte e uma área de gramado bastante considerável. Por outro lado, ficou claro que havia muito serviço de jardinagem, principalmente para cuidados de arbustos e plantas decorativas.

Dei vistas do meu relatório às partes e julguei o feito, condenando a algumas horas extras durante a época de chuvas, pois era um terreno muito grande para ser conservado sozinho (fato incontroverso) no verão chuvoso daquela região. A grama deveria crescer rapidamente com as chuvas e dava trabalho cortar, cuidar e rastelar toda aquela imensa área. A decisão foi mantida, tendo apenas sido reformada a condenação em honorários advocatícios.

Até hoje penso duas vezes em fazer inspeção em fazendas, elas podem nos guardar surpresas bem desagradáveis.